

6. Bibliografia

ANTROPOLOGIA, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA

BANNER, Horace. *Mitos dos índios Kayapó*. Revista de antropologia, v.5, n.1, 1957.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *A sociedade de consumo*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BENOIST, Luc. *Signos, Symboles e Mythes*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

BOUDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa- Portugal: Difel, 1989.

• CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Para ler Kant*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

DUARTE, Rodrigo (org.). *Belo, sublime e Kant*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

• ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIANNINI, Isabelle. *A ave resgatada: a impossibilidade da leveza do ser*. Tese de mestrado. São Paulo: Departamento de Antropologia-USP, 1991.

GORDON, César. *Folhas pálidas: a incorporação Xikrin (Mebêngôkre) do dinheiro e das mercadorias*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em antropologia social do Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo:Edições Loyola, 1992.

LEA, Vanessa. *Nomes e nekrets Kayapó: uma concepção de riqueza*. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em antropologia social do Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Arte, linguagem, etnologia*. Campinas (SP): Papyrus, 1989.

_____. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989.

• _____. *O cru e o Cozido / Mitológicas I*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

• _____. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1985.

• LUKESCH, Anton. *Mitos e vida dos índios caiapós*. São Paulo: Pioneira, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

MASS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

MELLATI, Julio C. *Índios do Brasil*. Hucitec, 1980.

MÉTRAUX, Alfred. *Mythes et Contes des Indiens Cayapo (Groupe Kuben-kran-kegn)*. Rmp, n.s., v. 12. São Paulo, 1960.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

RIBEIRO, Berta G. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Instituto nacional do Folclore, 1983.

_____. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *Arte indígena, linguagem visual*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : EdUSP, 1989.

_____. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1983.

_____. *O índio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

_____. *Arte indígena, linguagem visual*. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo : EdUSP, 1989.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RIBEIRO, Darcy (coord.). *Suma etnológica brasileira: Arte Índia/volume 3*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SEEGER, A; DA MATTA, R; VIVEIROS DE CASTRO, E. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". Boletim do Museu Nacional. Série Antropologia. Maio de 1979. 32:2-19

TURNER, Terence. *The social skin*. New Scientist, 7:112-140.

VERSWIJVER, Gustaaf. *Kaiapó Amazônia : the art of body decoration*. Tervuren: Royal Museum for Central Africa; Gent: Snoeck-Ducaju & Zoon, 1992.

VIDAL, Lux (org). *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp: EDUSP, 1992.

VIDAL, Lux. *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrin do Rio Catete*. São Paulo: Hucitec, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. Contribution to the concept of person and self in Lowland South American societies: body painting among the Kayapo-Xikrin. *In.*: Contribuições à antropologia em homenagem ao professor Egon Schaden. Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, p. 291-304. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ESTÉTICA E DESIGN

BAYER, Raymond. *História da Estética*. Lisboa: Estampa, 1995.

BAUMGARTEN, A G. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Editora Vozes, 1993. Petrópolis.

BOMFIM, G. A. *Idéias e Formas na história do Design; uma investigação estética*. João Pessoa. Editora da UFPB, 1998.

DE ARAUJO DUARTE, Renata Barbosa (org.). *Histórias de Sucesso: experiências empreendedoras*. Brasília: Sebrae, 2004.

DE MORAIS, Dijon. *Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem*. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

DORFLES, Gillo. *Simbolo, Comunicacion y consumo*. Barcelona: lumen, 1972.

FERRY, Luc. *Homo Aestheticus: the invention of taste in the democratic age*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

• KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1993.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *Estética*. Petrópolis: Vozes, 1993.

• MAFFESOLI, Michel. *Ética da Estética*. Rio de Janeiro: Papéis avulsos, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1987.

7. Anexos

MITO O BURACO DO CÉU

Nos tempos antigos, muito antigos, os Caiapós moravam no Céu; lá, acima do teto do Céu, havia de tudo que podiam desejar. Havia batata-doce, macaxeira, inhame, mandioca, milho, frutos de inajá, banana, caça de toda variedade e tartarugas da terra; lá havia para comer tudo o que se podia imaginar.

Certo dia, um guerreiro experiente, da classe dos Mebenget = me-be-nget, descobriu no mato a cova de um Tatu. Como queria caçar o animal, começou a cavar; cavou, cavou o dia todo, até de noite, sem encontrar o tatu. Na manhã seguinte, bem cedo, foi para o mato, a fim de continuar a cavar. Cavou até de noite, em vão. No quinto dia, quando já estava cavando bem fundo, de repente, viu o tatu-gigante. No entanto, em sua ânsia de cavar, furou a abóbada celeste. O tatu, então, despencou. Foi caindo, caindo, até chegar na Terra. O velho guerreiro acompanhou-o na queda; porém, quando estava caindo, um vento forte, de tempestade, o pegou e atirou de volta para cima. Desta maneira, retornou ao Céu e, através do buraco na abóbada celeste, olhou a Terra, em baixo. Lá distinguiu uma pequena floresta de buritis, um grande rio e campos imensos. E desse mundo distante começou a sentir enorme saudade, uma nostalgia infinita. Após ter visto tudo aquilo, apressou-se a correr para sua aldeia, a fim de espalhar a novidade. “Cavei um buraco no céu”, contou a todos, até aos homens, na casa dos homens. “Como foi que isso aconteceu?”, perguntaram. Então o velho disse como havia descoberto no mato a cova do tatu-gigante e começara a ; dia após dia, cavara sempre mais fundo até furar o firmamento. “E onde está o tatu agora?”, respondeu o velho. “Eu o vi cair em uma floresta de buritis.”

Então, os dois chefes da aldeia Caiapó deliberaram sobre aquilo que acabavam de ouvir. “O que devemos fazer, agora?”, perguntou um deles. “Será que devemos ficar no Céu, ou descer para a Terra?”. Por muito tempo, os dois ficaram falando e pensando. Enfim, resolveram que os Caiapós deveriam mudar para a Terra. “O problema é só de como vamos descer para lá”, falou um dos chefes. O outro aconselhou: “Vamos fazer uma corda de todos os nossos fios, e

cordas de arco de todos os nossos cintos e braceletes; cada homem deve ir para sua choça e de lá trazer o que tiver em cordões e fitas. Tudo isto vamos juntar para fazer uma corda comprida, comprida.” “Você tem razão”, retrucou o outro “e a corda deve ficar forte, igual à de nossos arcos.

E aconteceu conforme os dois chefes deliberaram e ordenaram: os homens fizeram um corda comprida, que foi jogada por aquele buraco do Céu. Depois começou a descida. Mas a corda não tinha comprimento bastante para chegar até a Terra, e assim tiveram de voltar a Céu. Lá amarraram muitas outras fitas e cordas, para encompridar a corda; porém, ainda não era bastante comprida e tiveram que voltar, novamente para prolongar a corda que, mais uma vez, não tinha o comprimento suficiente. Em seguida, deram nova busca na aldeia, juntando tudo o que havia em fitas, cordões, cintos e colares, por fim, a corda chegou a ter o comprimento necessário. Um homem da classe dos Mebenget, sem medo e livre da sensação de vertigem, foi o primeiro a descer; foi o primeiro a pisar na Terra. Aí chegando, amarrou a corda no tronco de uma gigantesca árvore. Começou, então, a descida de toda a tribo; primeiro os jovens, depois as mulheres com as crianças, as menores presas às faixas nas costas da mãe; em seguida vieram os homens e, por fim, os anciões. Aconteceu, porém, que alguns dos Caiapós ficaram com medo, hesitaram e não tiveram coragem de acompanhar os demais na descida. Aí, lá m baixo, na Terra, um pequeno garoto estranho veio correndo e quando viu a corda, cortou-a. Ao fazê-lo riu, zombando: “Estou cortando a corda para eles ficarem lá em cima, eternamente, e nunca mais descerem.” Os que aterrissaram, partiram, partiram logo para os campos imensos. Os jovens iam na frente, a fim de encontrarem o caminho para uma nova morada.

Assim foi que parte dos Caiapós continua morando no Céu, enquanto os demais se fixaram na Terra. (Lukesh 1976, p.9-11)

MITO DE ORIGEM DO FOGO - KAYAPÓ GOROTIRE: PRIMEIRA VARIAÇÃO

Ao descobrir um casal de araras num ninho localizado no alto de uma rocha escarpada, um homem leva consigo seu jovem cunhado, chamado Botoque, para ajudá-lo a capturar os filhotes. Ele faz com que este suba numa escada improvisada, mas chegar à altura do ninho, o rapaz diz que só vê dois ovos. (não fica claro se ele mente ou não.) O homem manda jogá-los; durante a queda, os ovos transformam-se em pedras e machucam-lhe a mão. Furioso, ele puxa a escada e vai embora, sem entender que os pássaros eram encantados(oiaiangá)[?]

Botoque permanece preso durante vários dias no alto do rochedo. Emagrece; faminto e com sede, é obrigado a comer os próprios excrementos. Finalmente, ele vê um jaguar [onça pintada, cf. p.12, supra] trazendo arco e flechas e todos os tipos de caça. Quer pedir-lhe socorro, mas fica mudo de medo.

O jaguar vê a sombra do herói no chão; tenta pegá-la, sem sucesso, levanta os olhos, conserta a escada, procura convencer Botoque a descer. Com medo, ele hesita durante um longo tempo; finalmente, resolve descer, e o jaguar, amigavelmente, o convida a montar em suas costas para ir até a sua casa comer carne assada. Mas o rapaz não sabe o significado da palavra “assada”, pois naquele tempo os índios não conheciam o fogo e comiam a carne crua.

Na casa do jaguar, o jovem vê um enorme tronco de jatobá em brasa; ao lado, montes de pedras, com aquelas que os índios usam hoje em dia para construir fornos(ki). Ele come carne moqueada pela primeira vez.

Mas a mulher do jaguar (que era uma índia) não gosta do rapaz, que ela chama de me-on-kra-tum (“o filho alheio ou abandonado); apesar disso, o jaguar, que não tem filhos, resolve adotá-lo.

Todos os dias, o jaguar vai caçar e deixa o filho adotivo com a mulher, que o detesta cada vez mais; ela só lhe dá carne velha e dura para comer, e folhas. Quando o rapaz reclama, ela lhe arranha o rosto, e o coitado se refugia na floresta.

O jaguar repreende a mulher, mas em vão. Um dia, ele dá um arco novo e flechas para Botoque, ensina-o a manejá-los, e o aconselha a usá-los contra a madrasta, se necessário. Botoque a mata com uma flechada no peito. Amedrontado, ele foge, levando as armas e um pedaço de carne assada.

Ele chega à sua aldeia no meio da noite, procura às apalpadas a esteira da mãe, que demora a reconhecê-lo (pensavam que ele estava morto); ele conta sua história, e distribui a carne. Os índios resolvem se apossar do fogo.

Quando chegam à casa do jaguar, não encontram ninguém; e, como a mulher estava morta, a carne caçada na véspera ficou sem cozer. Os índios assam-na e levam o fogo. Pela primeira vez, eles têm luz à noite na ladeia, podem comer carne moqueada e se aquecer no calor da fogueira.

Mas o jaguar ficou furioso com a ingratidão do filho adotivo, que lhe roubou “tanto o fogo como o segredo do arco e flecha”, e desde então odeia todos os seres, especialmente o Gênero humano. Do fogo, só lhe restou o reflexo, que brilha nos seus olhos. Ele caça com os dentes e come carne crua, pois jurou nunca mais comer carne assada (Banner1957, p.42-44).

MITO DE ORIGEM DO FOGO - KAYAPÓ-KUBENKRANKEN: SEGUNDA VARIAÇÃO

Antigamente, os homens não possuíam fogo. Quando matavam um animal, cortavam a carne em tiras e as estendiam sobre pedras, para seca-las ao sol. Eles comiam também madeira podre.

Um dia, um homem viu duas raras saindo de um buraco na rocha. Para tirá-las do ninho, mandou o jovem cunhado (irmão da mulher) subir por um tronco de árvore entalhado. Mas só havia pedras redondas no ninho. Há uma discussão, que degenera em briga, e termina como na versão precedente. Entretanto, aqui, parece que o jovem, provocado pelo cunhado, joga de propósito as pedras e machuca-o.

A mulher fica preocupada, o marido lhe diz que eles se separaram, e finge que vai procura-lo para evitar desconfianças. Enquanto isso, o herói, morto de fome e de sede, é obrigado a comer os próprios excrementos e beber sua urina. Está pele e osso quando passa um jaguar carregando um caititu nos ombros; a fera nota a sombra e tenta pegá-la. Sempre que ela tenta pegá-la, o herói recua e a sombra desaparece: “O jaguar olhou para todos os lados, cobrindo a boca, levantou a cabeça e viu o homem no rochedo”. Começa um diálogo.

As explicações e conversas seguem como na versão precedente. O herói, amedrontado, não concorda em montar nas costas do animal, mas aceita subir no caititu que lhe carrega. Assim, eles chegam até a casa do jaguar, cuja mulher está ocupada, fiando: “Você está trazendo o filho de outro”, diz ela, reprovando o marido. Sem se perturbar, ele anuncia que o rapaz ficará sendo seu companheiro, que irá alimenta-lo e engorda-lo.

Mas a mulher do jaguar não dá carne de anta para o rapaz, somente a de veado, e sempre o ameaça com suas garras. Aconselhado pelo jaguar, o rapaz mata a mulher com o arco e flechas que recebeu do protetor.

Leva consigo os “bens do jaguar”; algodão fiado, carne, brasas. Voltando à aldeia, ele consegue que sua irmã, e depois a mãe, o reconheçam.

Ele é convocado para ir ao ngobe (casa dos homens), onde conta sua aventura. Os índios resolvem se transformar em animais para pegar o fogo; a anta levará o tronco, o pássaro Yao apagará as brasas que caírem no caminho, o veado se encarregará da carne e o caititu, do algodão fiado. A expedição é bem sucedida, e os homens repartem o fogo (Métraux 1960, p.8-10).